

# A Pesquisa em História e o Método-Dialético

Renan Mosege Araújo Lima\*

## Introdução

Para se compreender sobre o método dialético é necessário tanto a compreensão do que seja um método, quanto a compreensão do que é a dialética, ou mais corretamente, o que é a dialética desde o ponto de vista aqui adotado. Para tanto, nosso roteiro aqui é o de apresentar a definição de método dialético em Hegel e posteriormente compreender o método dialético em Karl Marx.

Pretende-se apresentar elementos *Sobre o Método Dialético*, onde estarei apresentando brevemente o que é o método dialético historicamente, como se deu o seu desenvolvimento, assim como também sobre os autores que são referência no que se refere à origem e aprofundamento. Posteriormente, *Sobre Método e Pesquisa em História*, onde pretendemos enfatizar os procedimentos básicos que se deve tomar para o desenvolvimento de uma pesquisa no campo da história. Finalizando esta parte, estarei abordando *Os Princípios Básicos do Método Dialético em Marx*. Nesta se encontra a compressão das leituras sobre o método dialético de Marx em confronto com o de Hegel, de forma a sintetizar e explicar o método dialético. Depois, estarei realizando uma comparação entre *Método Dialético e a Pesquisa em História*, trato aqui de fazer comparações do método de Marx e a pesquisa em História, o objetivo aqui é analisar se é possível ou não utilizar este método numa pesquisa em história. E por fim, evidenciarei algumas afirmações que vem perturbar o método-dialético, fazendo com que ele tenha uma marginalização dentro da universidade e como é considerado pela maioria dos pesquisadores como ultrapassado.

## Sobre o Método Dialético

Para compreender o método dialético, se precisa entender onde o que é cada qual separado, ou seja, compreender o que é o método e, o que é a dialética. Após, ver a definição de método dialético em Hegel e assim, compreender em Marx.

O que seria método? Esta é uma das perguntas que mais geram polêmica, principalmente nos anos iniciais na universidade, pois existe, conforme Ferreira (2010),

---

\* Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual de Goiás.

diversos tipos de métodos tais como analítico, dedutivo, de palavras, de pesquisa, *et al.* Sendo assim, *méthodos*, traduzido do latim, método, significa,

[...] caminho para chegar a um fim [...] caminho pelo qual se atinge um objetivo [...] programa que regula previamente uma série de operações que se devem realizar, apontando erros evitáveis, em vista de um resultado determinado [...] processo ou técnica de ensino; modo de ensinar [...] modo de proceder; maneira de agir [...] Prudência, circunspeção; modo judicioso de proceder; ordem (FERREIRA, 2010, p. 1386).

A partir desta definição, se compreende que método é um procedimento determinado para se chegar a um fim. Sendo que, para cada tipo de pesquisa ou trabalho que se vá fazer, existe um determinado tipo de método.

Dando seguimento ao texto, o que seria a dialética? A dialética tem sua origem no pensamento grego e, a definição desta palavra é discussão ou a arte do diálogo, conforme apresenta Leandro Konder (2008). No dicionário de Filosofia de Nicola Abbaagnano, é apresentado a seguinte definição sobre dialética,

[...] Esse termo, que deriva de diálogo, não foi empregado, na história da filosofia, com significado unívoco, que possa ser determinado e esclarecido uma vez por todas; recebeu significados diferentes, com diversas inter-relações, não sendo redutíveis uns aos outros ou a um significado comum. (ABBAGNANO, 1998, p. 269).

Ou seja, em determinada época, com determinado autor, dialética terá um significado distinto de outra época e de autor para autor, sendo que, segundo Abbagnano, existe quatro significados mais fundamentais, baseado nas doutrinas platônica, aristotélica, estoica e hegeliana. Porquanto, mais adiante ele apresenta que, em seu significado mais ontológico, dialética é,

[...] o processo em que há um adversário a ser combatido ou uma tese a ser refutada, e que se supõe, portanto, dois protagonistas ou suas teses em conflito; ou então que é um processo resultante do conflito ou da oposição entre dois princípios, dois momentos ou duas atividades quaisquer. (ibid., 1998, p. 269).

Não somente esses, mas diversos autores têm distintos significados sobre o que é a dialética, porém, este trabalho se dedica a compreender a dialética, o método dialético em

si, para Marx, a partir da inversão do método dialético de Hegel. Sendo assim e, apresentando algumas definições anterior a de Hegel, Inwood afirma sobre a dialética,

*Dialektik* deriva do grego *dialektiké (techné)*, que vem de *dialegesthai*, “conversar” e era originalmente a “arte de conversação”, mas foi usado por Platão para designar o método filosófico correto. [...] Zenão de Eléia foi considerado o fundador da dialética, em virtude de suas provas indiretas de, por exemplo, a impossibilidade de movimento, inferindo absurdos ou CONTRADIÇÕES da suposição de que o movimento ocorre. A dialética de Sócrates, conforme retratada nos primeiros diálogos de Platão tende a assumir uma forma destrutiva: Sócrates interrogava alguém sobre a definição de algum conceito que ele empregou [...] e extrai contradições das sucessivas respostas dadas. [...] Para Hegel, a dialética não envolve um diálogo entre dois pensadores ou entre um pensador e o seu objeto de estudo. É concebida como a autocrítica autônoma e o autodesenvolvimento do objeto de estudo, de, por exemplo, uma forma de CONSCIÊNCIA ou um conceito. (INWOOD, 1997, pp. 99 – 101).

Desta forma, assimila-se que o método dialético em Hegel é o idealismo, onde ele afirma que “o real é racional e o racional é real”, isso significa que a realidade vai partir de seu pensamento, e não da própria realidade em si. Marx se dedicou ao estudo da dialética de Hegel, e os resultados da sua pesquisa o levou a considera-lá limitada e, segundo ele, apresentava-se de uma forma invertida. Sendo assim, o interesse de Marx foi o de procurar elaborar um método que se compreendesse a realidade social, os problemas sociais existentes a partir de suas múltiplas determinações para permitir a compreensão de sua determinação fundamental, a luta de classes,

Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo do pensamento [...] é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado, (MARX, 2003, p. 28).

E complementa,

A dialética [...] na sua forma racional, causa escândalo e horror à burguesia e aos porta-vozes de sua doutrina, porque sua concepção do existente, afirmando-o, encerra, ao mesmo tempo, o reconhecimento da negação e da necessária destruição dele; porque apreende, de acordo com seu caráter transitório, as formas em que se configura o devir; porque, enfim, por nada se deixa impor; e é, na sua essência, crítica e revolucionária (MARX, 2003, p. 29).

Desta forma, verifica-se que Hegel restringe sua dialética ao pensamento, de que todo o real é fruto de um pensamento, Marx considera que esta concepção de Hegel está de cabeça para baixo, porquanto, para se compreender o real, é necessário partir da própria realidade e de seu movimento. Se se observa um dado evento, segundo o método dialético em Marx, devo-me ater em fazer sua interpretação a partir da realidade, sendo que, devo considerar o seu movimento histórico e social.

Para poder escrever seu método, tendo como base o de Hegel, porém, realizando a sua inversão, Marx produziu alguns textos que lhe serviu de base sobre sua dialética, como aparece no Prefácio à “Contribuição à Crítica da Economia Política”. Neste texto, fica claro que, durante um bom tempo Marx se dedicou aos estudos de filosofia e da história, visto que, a partir de um problema do roubo de lenha, onde ele faz uma pesquisa para poder entender a razão deste feito, acaba compreendendo as relações de interesse existentes, bem como na luta de classes, e, conseqüentemente, compreende a limitação do método hegeliano para explicar este movimento.

Novamente ele deixa claro que, seu método parte da inversão da dialética de Hegel, e que “Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência”, (MARX, s/d, p. 301). O método-dialético apresenta também que, quando vai se analisar um determinado evento social, deve estar atento ao período, contexto e mentalidade da época, “[...] é necessário explicar esta consciência pelas contradições da vida social e material, pelo conflito existente entre as forças produtivas sociais e as relações de produção [...]”, (MARX, s/d, p. 302).

### **Sobre o Método e Pesquisa em História**

Já foi apresentado anteriormente o que seria método, sendo que, conforme afirmei, existem diferentes e distintos métodos para as áreas do conhecimento, desta maneira, neste ponto pretendemos abordar a questão do método e a pesquisa em história.

Aróstegui (2006) apresenta o seguinte significado de método,

O método é como uma “bússola”. É, antes de mais nada, um sistema de orientação no trânsito dos caminhos que é preciso seguir para obter certezas. E nesse sentido o método é uma garantia. Se de alguma forma pode-se falar da superioridade do conhecimento científico sobre outras formas de conhecimento é pela superioridade de seu método. Mas o

paradoxo é o seguinte: enquanto o método científico não garante, de forma alguma, a descoberta de verdade, sem ele seguramente não poderemos alcançá-las. Quer dizer, operar “com método”, é uma condição necessária para o êxito da descoberta científica (ARÓSTEGUI, 2006, p. 419).

Ou seja, método em história é o procedimento que o historiador utiliza para conhecer determinado evento ou momento histórico que está pesquisando, ou mesmo explicar o movimento histórico de um objeto ou de um pensador. Pautado por um cardápio de regras pelo qual se deve ater, nesse sentido, ‘de método como bússola’, se compreende que não se pode romper ir além. ARÓSTEGUI (2006) deixa claro, que o método é um conjunto de regras de procedimento, ele ainda alude que o método científico estabelece aquilo que não se pode fazer.

Em uma pesquisa tem se em mente que algo está descoberto, ou mesmo que uma hipótese será refutada ou dar-se um novo entendimento a determinado conceito. Tudo começa quando se pensa um determinado campo de interesse a partir de certas leituras, e posteriormente surge-se uma dúvida, algo ainda não pensado/estudado. Conforme afirma VIEIRA, PEIXOTO & KHOURY (2007, p. 09),

O pesquisador, pensando assim a história, se depara com o desconhecido e vai trabalhar o inesperado; por isso o instrumento com que vai trabalhar ajuda-o mais a perguntar do que a responder. Queremos assim dizer que o processo de investigação não cabe esquemas prévios, e as categorias que servem de apoio ao trabalho serão construídas no caminho da investigação.

Mas, ainda se tem em mente as seguintes questões, como os historiadores pensam a pesquisa e o que é fundamental para uma pesquisa no campo da história? A essas questões, Marc Bloch respondeu em sua obra *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*, afirma que,

Dizem-se algumas vezes “A história é a ciência do passado” É no meu modo de ver, falar errado. Pois, em primeiro lugar, a própria ideia de que o passado, enquanto tal possa ser objeto de ciência é absurda [...] “Ciência dos homens”, dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: “dos homens, no tempo” O historiador não apenas pensa “humano”. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração. (BLOCH, 2001, p. 52-5).

Sendo assim, conforme a citação, a história se dedica no estudo do homem no tempo e, desta maneira, a sua relação com as mudanças, as transformações, o homem como o agente que faz a história.

Quando se fala em pesquisa em história, alguns historiadores pesquisadores afirmam que é preciso se ater a recortes temporais e espaciais, tal como se pede em trabalhos como artigos, monografias, dissertações, teses, et al.

Uma delimitação adequada do período histórico que será examinado é, naturalmente, questão de primeira ordem para qualquer historiador. A escolha de um recorte qualquer de tempo historiográfico não deve, por outro lado, ser gratuita. É inútil escolher, por exemplo, “os dez últimos anos do Brasil Império”, ou “os cem primeiros anos do Egito Antigo”. A escolha de um recorte temporal historiográfico não deve corresponder a um número propositalmente redondo (dez, cem, mil), mas sim a um problema a ser examinado ou a uma temática que será estudada (BARROS, 2005, p. 42).

Se se deve ater nesta afirmação, pois, para se realizar a pesquisa precisa se pensar em suas origens, na totalidade, no movimento histórico na contradição e na finalidade, e assim compreender historicamente como se deu o processo de algo, até se chegar na contemporaneidade. VIEIRA, PEIXOTO & KHOURY (2007, p. 09), esclarece que “todo conceito é histórico, constituído, em determinado momento do processo histórico, por homens reais, concretos, com interesses, valores também reais, concretos”. Desta maneira, isso confirma que para se pesquisar historicamente um determinado momento histórico/evento, é preciso levar em consideração, não só o centro ou o periférico, mas sim a totalidade.

Ao fazer isso libera a história de muitos preconceitos e conduz à percepção de processos históricos diferentes, simultâneos. Mostra a coexistência de processos de tempos históricos diferenciados e, desse modo, quebra a noção de linearidade, progresso e evolução; portanto rompe com a lógica do capital, presente em muitos trabalhos de investigação social. Traz para a cena histórica agentes sociais antes relegados e valoriza-lhes o saber e a experiência de vida, respondendo a demandas de conhecimento feitas por movimentos sociais de mulheres, de trabalhadores, de pobres, outros. Essas noções de totalidade, de cultura, nos levam a situar a história como um campo de possibilidades. Imaginemos que a história é a experiência humana e que esta experiência, por ser contraditória, não tem sentido único, homogêneo, linear, nem um único significado. Dessa forma, fazer história como conhecimento e como vivência é recuperar a ação de diferentes grupos que nela atuam, procurando entender por que o processo

tomou um dado rumo e não outro; significa resgatar as injunções que permitiram a concretização de uma possibilidade e não de outras. (VIEIRA; PEIXOTO e KHOURY, 2007, p. 11)

Desta forma, o método-dialético vai pra-além das atividades que ele, o historiador, exerce, que é de “narrar as coisas como realmente aconteceram”, (ARÓSTEGUI, 2006, p. 24), neste sentido, o método dialético não se limita à uma narrativa, mas sim, em compreender o movimento das relações sociais e lutas de classes. Se em uma pesquisa histórica pretende se compreender determinado objeto ou acontecimento, se o pesquisador se colocar como um observador e narrador do que aconteceu, ele estará desconsiderando a totalidade da pesquisa. Tendo isso em mente, se percebe que a ciência acaba limitando a oportunidade de se ampliar uma pesquisa justamente por causa de suas especializações, sendo assim, pois, tem como um dos pontos chaves, separar as questões da história, da sociologia, da filosofia. Tendo clareza disto, das limitações que a ciência trouxe para a pesquisa em história, VIANA (2007, p. 79) afirma que,

A Consciência teórica da história da humanidade ou a concepção materialista da história da humanidade analisa a sociedade como uma totalidade complexa que possui como determinação fundamental o modo de produção.

Posto isto, é claramente perceptível que em uma pesquisa, enquanto limitada a métodos estritos e prescritos como uma receita, não consegue apresentar a totalidade das relações. Por mais que apresente o movimento histórico de determinado conceito ou de determinadas relações que se deu a suceder determinado evento, a sua finalidade, a história não consegue relacionar esse todo, isto é, ligar os pontos em uma pesquisa apresentando o movimento social e a luta de classes, ela, a história, não consegue ampliar a sua visão, limitando-se a uma análise descritiva e não interpretativa a partir do movimento-dialético da sociedade.

### **Os Princípios Básicos Do Método Dialético em Marx**

Marx se preocupou ao realizar o desenvolvimento do método dialético com a proposta de que, quando interpretasse o material, entenderia conseqüentemente, a importância do fim da divisão social de classes. Conseqüentemente, ele se debruçou a produzir trabalhos onde ficasse claro toda a sua pretensão. Quando analisamos o conceito de

dialética na obra de Marx é perceptível que ele não se limita a apenas falar dele, mas demonstrar que este foi desenvolvido como fio condutor para o fim da divisão de classes e para a crítica da realidade social existente. No prefácio da primeira edição do capital, ele faz a seguinte analogia, “[...] na análise das formas econômicas, não se pode utilizar nem microscópio nem reagentes químicos”, (MARX, 2003, p. 17). Compreende-se que a única forma/meio que pode analisar as formas econômicas, pode ser compreendida através de seu método, é a partir da própria realidade que se pode racionalizar a mesma.

Observa-se que muitos sabem o que está acontecendo, porém, o mesmo evita comentar sobre, coloca capuz para poder negar o que os olhos veem. Vale lembrar que Marx trata de fatos que aconteciam na realidade do século XIX, porém, isto não deixou de acontecer, afirmo que a magia de ficar sem ver a realidade concreta dos fatos e acontecimentos só tem aumentado e graças, é claro, ao modo de produção capitalista. Marx fez uma observação que ajuda a compreender o motivo da sua dedicação metodológica em contribuir com a classe operária. “Pondo de lado motivos de índole nobre, o interesse mais egoísta impõe às classes dominantes que eliminem todos os obstáculos, legalmente removíveis, que estorvam o progresso da classe trabalhadora” (MARX, 2003, p. 17).

A classe dominante teme o progresso da classe trabalhadora, por razão de que, se a mesma progredir, irá erradicar o sistema de divisão social, promovendo assim uma autogestão, semelhante ao que aconteceu na Comuna de Paris em 1871. No final do primeiro prefácio, Marx reafirma sobre o medo que a classe burguesa dominante tem em razão de que o proletariado possa promover a transformação da sociedade atual: “[...] as classes dominantes já começam a pressentir que a sociedade atual não é um ser petrificado, mas um organismo capaz de mudar, constantemente submetido a processos de transformação” (MARX, 2003, p. 18). E a única forma de compreender que tal acontecimento pode ser promovido é através da utilização do método-dialético e, em razão disto, ele faz a seguinte analogia:

Perseu tinha um capacete que o tornava invisível, para perseguir os monstros. Nós, de nossa parte, nos embuçamos com nosso capuz mágico, tapando nossos olhos e nossos ouvidos, para poder negar as monstruosidades existentes. [...] Não nos apeguemos a ilusões (MARX, 2003, p. 17).

O método-dialético permite com que se olhe para a sociedade capitalista e se observe não uma sociedade com sua forma acabada, mas sim uma sociedade que cria “as condições materiais para a solução desse antagonismo”. Tal antagonismo é a luta que existe dos interesses sociais no capitalismo e, que também ocorreu no modo de produção anterior, mas, não é a pretensão aprofundar isso aqui<sup>1</sup>. No segundo prefácio, Marx cita algumas críticas que fizeram sobre o seu método, uma que destaco é a crítica sobre seu fundamento materialista do método,

Para Marx só uma coisa importa: descobrir a lei dos fenômenos que ele pesquisa [...] O mais importante de tudo, para ele, é a lei de sua transformação, de seu desenvolvimento [...] Marx observa o movimento social como um processo histórico-natural, governado por leis independentes da vontade, da consciência e das intenções dos seres humanos, e que, ao contrário, determinam à vontade, a consciência e as intenções [...] Não existe segundo ele, essas leis abstratas. Ao contrário, cada período histórico, em sua opinião, possui suas próprias leis. [...] O valor científico dessa pesquisa é patente: ela esclarece as leis especiais que regem o nascimento, a existência, o desenvolvimento, a morte de determinado organismo social [...]. (MARX, 2003, pp. 26-28)

Nesta, observa-se claramente que a crítica faz menção de algumas das questões principais para se poder usar o método-dialético, bem como o que o método é capaz de solucionar e como faz isso. Em outras palavras, o método-dialético segue um plano, este perpassa pela totalidade, movimento, contradição e finalidade que estão fundamentados na realidade histórica e social.

Na carta a Annenkov (2001), Marx faz a seguinte afirmação ao sr. Proudhon: “dado que para ele as categorias são as forças motrizes, não é preciso mudar a vida prática para mudar as categorias. Antes pelo contrário, é preciso mudar as categorias, e como consequência teremos a mudança da sociedade real”, (MARX, 2001, p. 184). Desta maneira, é preciso, mudar as relações, no caso abolir ou mudar o modo de produção capitalista, para se ter a mudança da sociedade real. É com base do método-dialético, que se consegue compreender as categorias, entender que “são transitórias e históricas todas as formas econômicas segundo as quais os homens produzem, consomem, trocam” (MARX, 2001, p. 177).

---

<sup>1</sup> Para quem se interessa em aprofundar sobre antagonismo, ler em “Prefácio 1ª edição de O Capital In: MARX, Karl. O Capital, volume I. São Paulo: Nova Cultura, 1998”.

Isso deixa mais claro que o seu método não é uma questão abstrata que faz analogia a existência de uma sociedade com divisão de classes. Marx não perdeu o seu tempo com afirmações e criticando coisas abstratas. Percebe-se em suas obras, que é quando o método-dialético é aplicado, a sua clareza em relação ao movimento real da sociedade, a partir do ponto de vista do proletariado.

[...] os homens, ao desenvolverem as suas faculdades produtivas, quer dizer ao viverem, desenvolvem certas relações entre eles, e que a forma destas relações muda necessariamente com a modificação e o crescimento destas faculdades produtivas. Não viu que as *categorias econômicas* são apenas *abstrações* destas relações reais, que elas não são verdades senão enquanto essas relações subsistem (MARX, 2001, p. 181, *grifos do autor*)

Esta citação deixa mais claro que o movimento histórico das relações de produção está, numa totalidade, envolvido com todas as relações humanas de produção. Ou seja, para se entender o movimento das sociedades, é necessário ter uma visão, não deturpada, mais clara a respeito das relações e da luta entre as classes sociais. Precisa-se quebrar o espelho e ver para além do reflexo, e o método-dialético de Marx permite-se enxergar as relações do movimento. É importante, ao leitor, estar atento aos autores que fazem seus trabalhos posterior a Marx, sendo que, muitos podem utilizar-se do método-dialético, porquanto, deve-se ater: primeiramente de qual ponto de vista esteja querendo realizar determinada pesquisa, pois, este método serve para mostrar as entranhas do passado do ponto de vista do proletariado, como é notório na dialética em Marx. Partindo desse ponto de vista, é possível assim compreender o contexto ao qual está pesquisando. E, essencialmente, se ater aos textos de Marx, buscando um embasamento concreto sobre quem está usando, se realmente ele está partindo do método-dialético que Marx desenvolveu.

### **Método Dialético e a Pesquisa em História**

Neste ponto buscaremos realizar uma discussão onde apresente alguns elementos que mostram que é possível utilizar o método-dialético, em Marx, numa pesquisa em história. O método dialético ou, o método materialista histórico dialético, em Marx, se torna importante para uma pesquisa, aqui no caso para a história, por se

[...] apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e de perquirir a conexão íntima que

há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real. Se isto se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada [...] (MARX, 2003, p. 28).

Sendo assim, este método, apresenta historicamente as relações de interesses na sociedade, na forma em que se deu e acontece o seu movimento. Pois, como bem afirmou Marx e Engels, a história das sociedades, e assim da relação do homem com a sociedade, é a história da luta de classe (VIANA, 2007, apud MARX e ENGELS, 1987).

O método de pesquisa histórico possui especificidades, e isto acaba limitando por ficarem presas a pesquisas onde não demonstram o movimento real da sociedade, pois, como bem afirmou Bloch (2001), a história estuda o homem no tempo, porquanto, acrescento as palavras de Marx e Engels (2002, p. 17):

As nossas premissas são os indivíduos reais, a sua ação e a suas condições materiais de vida, tanto as que encontraram como as que produziram pela sua própria ação [...] A primeira premissa de toda a história humana é, evidentemente, a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro fato real a ser constatado é, portanto, a organização destes indivíduos e a relação que, por isso, existe com o resto da natureza [...] Toda a historiografia deve partir destas bases naturais e da sua modificação provocada pelos homens no decorrer da História.

Esta citação apresenta de forma clara, precisa e sem mais o que acrescentar em relação a como se deve proceder em uma pesquisa histórica, sendo que, foi apresentado anteriormente como é que se procede o trabalho do historiador, bem como na variedade de métodos que se tem para trabalhar, pensando neste sentido poderia se chegar à conclusão de que o método-dialético seria apenas mais um método/um ponto de vista para se compreender historicamente determinado evento. Só que não é essa a pretensão de Marx ao desenvolver o método dialético, pois, quando ele faz a inversão do método idealista de Hegel, desenvolve um fio condutor que mostre realmente as pretensões pela qual determinados eventos aconteceram, enfatizando que, existe uma luta de classes.

Se o historiador tem como finalidade demonstrar em sua pesquisa o que de fato aconteceu em determinada sociedade, cabe a ele usar de um método que lhe forneça base para se compreender o movimento, não a favor de legitimar a dominação de uma classe sobre a outra, que é o que mais acontece, mas sim de se explicar a partir daqueles que foram explorados e/ou que são os ‘desnecessários’ na compreensão do passado.

De forma mais clara, o método-dialético fornece base para a compreensão dos enredos da pesquisa do passado por ser um método que demonstra que o passado não é compreendido de forma linear. Os estudos de Marx torna possível a compreensão fundamental para a realização da pesquisa histórica, sendo ela o tema que for, é necessário levar em consideração o processo histórico, como toda a história é humana, conforme afirmou Marx e Engels (2007), deve se levar em consideração os interesses dos indivíduos daquele grupo pesquisado, a realidade que eles defendiam, assim como o que levava o objeto pesquisado a ter aquele pensamento, ou seja, considerar o pressuposto de que algo se formou mentalmente e ideologicamente naquele período e que proporcionou com que acontecesse este evento.

Àqueles que se dedicam em reproduzir na atualidade, à luz de um grupo socialmente que deseja a continuidade de seu domínio sobre outro, a legitimar o domínio burguês, aos pesquisadores que promovem essa reprodução, deve-se combatê-los a partir do referente que o método-dialético em Marx proporciona. É fato que o método dialético é importante na luta cultural, no embate as ideias e, enfatizo, na luta de classes.

### **Considerações Finais**

Não daria aqui para colocar em poucas palavras a razão pela qual o método-dialético não é tão bem visto dentro da universidade. Mas, em linhas gerais e inserindo também algumas experiências próprias, afirmo que, um dos motivos que os estudantes enfrentam hoje é a não explicação clara do que seria o método-dialético em Marx, assim bem como na falta de tempo e interesse dos mesmos a ler e procurar entendê-lo.

Poucos são os professores universitários que dominam o que seria o método-dialético a partir de Marx. Muitos dos indivíduos que não o dominam, procuram deturpar o mesmo com afirmações tais como “*se trata de uma religião*”, ou mesmo “*aqueles que usam este método são pessoas com mentalidade reduzida e o conhecimento muito fechado em relação ao conhecimento de outras teorias e métodos*”, e o mais interessante disto tudo é que grande parte desses indivíduos não apresentam a clareza na leitura do autor, que demonstre honestidade para explicar o que seria o método-dialético.

Karl Marx ao realizar seu trabalho de inverter ou virar de ponta cabeça o método hegeliano, promove o desenvolvimento de um método voltado para contribuir com a extinção da divisão social de classe. O seu método se baseia no proletariado, e, para o grupo

que tenta a todo custo inibir a divulgação deste método, é mais do que claro que essas mesmas pessoas são contra a luta para abolir o atual sistema. Nesse sentido, este trabalho buscou por uma compreensão do que é o método-dialético em Marx, assim como também, por estudo de autores, MARX e ENGELS (2001, 2002, 2003, 2007) VIANA (2007) entre outros, que possibilite aprofundar e nos dê elementos para compreender a pesquisa em história a partir do método-dialético.

Não deixando de lado a pesquisa, este trabalho também deixa claro que o método-dialético serve de base para qualquer tema proposto, aqui no caso, dentro da disciplina de história, porquanto ele também não se limita à uma disciplina. Desta maneira também ajuda no combate daqueles que afirmam a falta de competência teórica que este método possui.

Por fim, resta àqueles que não se deixa levar pelo o que as pessoas (professores, diretores, familiares ou instituições políticas e religiosas) afirmam sobre a realidade dos acontecimentos, de fazer uma leitura crítica dos interesses ocultos na utilização de determinados métodos e formas de se desenvolver uma pesquisa, pois se se quer contribuir com pesquisas em uma perspectiva da mudança, da transformação social e, falar sobre a realidade concreta, o método-dialético em Marx é a melhor forma de se pesquisar a totalidade das relações e o modo de produção.

### **Referências bibliográficas**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martin Fontes, 1998.  
ARÓSTEGUI, Julio. *A Pesquisa Histórica: Teoria e Método*. Bauru, SP: Edusc, 2006.

BRYAN, Magee. *História da Filosofia*. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 1999.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin, 1886- 1944. *Apologia da história, ou, O Ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Uma Introdução à História*. São Paulo: Editora Brasiliense, s/d.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Curitiba: Positivo: 2010.

KONDER, Leandro. *O que é Dialética?* São Paulo: Brasiliense, 2008.

INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MARX, Karl. Carta a Annenkov In: MARX, Karl. *Miséria da Filosofia*. São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. *Miséria da Filosofia*. São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. Prefácio 1ª e 2ª edição de O Capital In: MARX, Karl. *O Capital, Livro I*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Ideologia Alemã, 1º Capítulo: Seguido da Teses Sobre Feuerbach*. São Paulo: Centauro, 2002.

MARX, Karl e Engels, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas, Volume I*. São Paulo, EDITORA ALFA-OMEGA, s/d.

VIANA, Nildo. *Escritos Metodológicos de Marx*. Goiânia: Alternativa, 2007.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha e KHOURY, Yara Maria Aun. *A Pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 2007.